


**O PREÇO DA PASSABILIDADE: IDENTIDADE TRANS E APARÊNCIAS EM
“MINHA ADOLESCÊNCIA TRANS”**

**THE PRICE OF PASSABILITY: TRANS IDENTITY AND APPEARANCES IN
“MINHA ADOLESCÊNCIA TRANS”**

**EL PRECIO DE LA PASABILIDAD: IDENTIDAD TRANS Y APARICIONES EN
“MINHA ADOLESCÊNCIA TRANS”**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-135>

Data de submissão: 11/08/2025

Data de publicação: 11/09/2025

Carlos Eduardo de Araujo Placido

Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4745-3600>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0981377060566842>

E-mail: carlos.placido@ufms.br

Nataniel dos Santos Gomes

Pós-doutor em Língua Portuguesa

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6180920530799182>

E-mail: nataniel@uem.br

Misrrahelly Pena do Espirito Santo

Mestrado em Letras

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, PPGLETRAS)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8169015010813371>

E-mail: misrrahelly.santo@ufms.br

RESUMO

A história em quadrinhos autobiográfica *Minha adolescência trans* (2023), criada por Fumettibrutti, retrata as experiências de uma adolescente trans de maneira multifacetada. A autora utiliza diversos recursos artísticos das narrativas gráficas para apresentar as vivências de sua protagonista, abordando temas como identidade de gênero e o processo de passabilidade. A obra se destaca pela representação das lutas e desafios enfrentados pela personagem, promovendo discussões sobre a vivência trans em um contexto social hostil. Este texto tem como objetivo analisar as características da representação das vivências trans em *Minha adolescência trans*, com foco nas formas como a obra explora a questão da passabilidade. A análise também considera as interações cotidianas com a discriminação e a marginalização, além de evidenciar os momentos de resistência e autodescoberta da protagonista.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Passabilidade. *Minha Adolescência Trans*.

ABSTRACT

The autobiographical comic *Minha adolescência trans* (2023), created by Fumettibrutti, depicting the experiences of a trans adolescent in a multifaceted way. The author employs various artistic techniques

from graphic storytelling to present the protagonist's experiences, addressing themes such as gender identity and the process of passability. The work stands out for its portrayal of the struggles and challenges faced by the character, fostering discussions about the trans experience in a hostile social context. This text aims to analyze the characteristics of the representation of trans experiences in *Minha adolescência trans*, with a focus on how the work explores the issue of passability. The analysis also considers the everyday interactions with discrimination and marginalization, while highlighting the moments of resistance and self-discovery of the protagonist.

Keywords: Comic Book. Passability. *Minha Adolescência Trans*.

RESUMEN

La novela gráfica autobiográfica "*Mi Adolescencia Trans*" (2023), creada por Fumettibrutti, retrata las experiencias de una adolescente trans de forma multifacética. La autora utiliza diversos recursos artísticos de narrativas gráficas para presentar las experiencias de su protagonista, abordando temas como la identidad de género y el proceso de transición. La obra destaca por su representación de las luchas y desafíos que enfrenta el personaje, promoviendo debates sobre la experiencia trans en un contexto social hostil. Este texto busca analizar las características de la representación de las experiencias trans en "*Mi Adolescencia Trans*", centrándose en las formas en que la obra explora el tema de la transición. El análisis también considera las interacciones cotidianas con la discriminación y la marginación, además de destacar los momentos de resistencia y autodescubrimiento de la protagonista.

Palabras clave: Cómic. Transibilidad. *Mi Adolescencia Trans*.

1 INTRODUÇÃO

A construção de gênero, ao longo da história, tem sido fortemente baseada em uma perspectiva binária que distingue o masculino e o feminino como categorias opostas e mutuamente excludentes. Esse modelo foi amplamente naturalizado e adotado por diversas culturas ao redor do mundo, o que consolidou a ideia de que há um padrão de comportamento e características atribuídos a cada um desses dois gêneros. A visão binária de gênero, conforme discutem teóricos como Judith Butler e Michel Foucault, está enraizada em estruturas de poder que não apenas regulam, mas também moldam o que é considerado legítimo ou desviante. A predominância dessa lógica binária tem como consequência a marginalização de identidades que não se conformam a esse modelo hegemônico.

O conceito de “passabilidade”, central na discussão de gênero e sexualidade, também se insere nesse contexto, revelando como indivíduos transgênero e não-binários enfrentam pressões para se conformarem às normas cisgêneras, muitas vezes como uma estratégia de sobrevivência em um mundo que privilegia a conformidade com o gênero atribuído no nascimento.

A partir dessa compreensão, é possível analisar como a passabilidade e a performatividade de gênero estão intrinsecamente ligadas às relações de poder que normatizam corpos e identidades. A obra de Fumettibrutti, “Minha adolescência trans” (2022), oferece uma representação gráfica e narrativa dessa experiência, onde a personagem principal, P., enfrenta os desafios de ser um corpo desviante em uma sociedade que insiste em categorizar e disciplinar as identidades a partir de um sistema binário. O conceito de corpos descontínuo, proposto por Butler (2015), é visível na narrativa de P., cuja luta pela aceitação é marcada pelo desejo de “passar” como mulher e, ao mesmo tempo, pela resistência às normas que lhe impõem essa necessidade de conformidade.

É importante destacar que o binarismo de gênero marginaliza corpos, identidades de expressão e a experiência de um espaço legítimo para a diversidade. A normatividade de gênero limita as possibilidades de expressão e experiência, e é apenas por meio da desconstrução dessas normas que podemos criar uma sociedade mais inclusiva, onde todas as formas de corpo e identidade possam valorizadas e respeitadas.

Dessa forma, este artigo se propõe a explorar e analisar a História em quadrinhos “Minha adolescência trans” de Fumettibrutti através da perspectiva de Foucault (2014), Butler (2015), Duque (2017), entre outros que oferecem uma base crítica para a compreensão dos desafios enfrentados por corpos e identidades à margem.

Ao questionar o binarismo de gênero e suas implicações sociais, busca-se abrir espaço para novas formas de entender e valorizar a diversidade humana. A resistência a essas normas não se limita a uma crítica teórica, mas também se manifesta na vivência cotidiana de pessoas cujas existências

desafiam as fronteiras impostas pela sociedade binária, como bem ilustrado na obra de Fumettibrutti e na vida de muitos indivíduos trans e não binários ao redor do mundo.

2 CORPOS E IDENTIDADES À MARGEM: DESAFIOS AO BINARISMO DE GÊNERO

Os estereótipos e padrões comportamentais atribuídos às figuras femininas e masculinas foram empregados durante décadas, contribuindo para a naturalização de uma perspectiva binária de gênero. Essa visão binária foi incorporada por diversas culturas ao redor do mundo, cada uma adaptando-a de acordo com suas particularidades. Como resultado, a figura masculina foi alçada a uma posição de superioridade, enquanto a figura feminina foi relegada a um espaço subalterno nas relações sociais, esse desequilíbrio de poder se propagou ao longo do tempo, refletindo-se ainda hoje na forma como corpos que não se conformam às normas hegemônicas são tratados.

Essa estrutura de poder continua a excluir aqueles que se afastam das normas dominantes, segundo Butler (2015), marginalizando-os na chamada “matriz intelegível” – um sistema de normatização que regula as relações de poder e determina quais corpos e identidades são reconhecidos como legítimos. A imposição dessas normas perpetua a exclusão e a subordinação de corpos e identidades não reconhecidos como legítimos. A imposição dessas normas perpetua a exclusão e a subordinação de corpos e identidades que desafiam o binarismo de gênero, revelando o impacto duradouro e disseminado dessas construções sociais.

A ideia de relação de poder na década de 1970, afirmou que as relações de poder não são algo singular ou estático, mas sim um fenômeno coletivo e dinâmico. O filósofo Michel Foucault, ao desenvolver a destacou que o poder não é uma substância ou um fluido que emana de uma fonte única, mas sim uma prática social construída historicamente e que se manifesta através de mecanismos e procedimentos específicos. Foucault (2014) argumentou que o poder deve ser entendido como um conjunto de relações transitórias e contextuais, que se transformam e se adaptam ao longo do tempo.

O poder não é uma substância, um fluxo ou algo que provém de uma causa específica, mas sim um conjunto de mecanismos e procedimentos voltados para sua própria manutenção, ainda que de forma não totalmente eficaz. Foucault (2014) enfatizou a importância de analisar como o poder circula em diferentes épocas e contextos, revelando os modos pelos quais ele é exercido e mantido. Ao compreender esses mecanismos, torna-se possível identificar pontos de desvio ou ruptura que podem levar a transformações nas estruturas de poder existentes.

A noção binária de poder e introduz a percepção da pluralidade identitária dentro das instituições, sugerindo que não há apenas uma única regra ou lei que define a subjetividade de cada indivíduo. Em vez disso, Foucault (2010), destaca “a multiplicidade de correlações de forças

imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização (Foucault, 2015). Baseando-se nesse pensamento, Butler (2015) avança ao enfatizar que as regulações de gênero, embora estejam intrinsecamente ligadas às relações de poder, vão além delas. Segundo Butler (2015), essas regulações específicas penetram profundamente na integridade da subjetividade, revelando que a inversão da sexualidade na modernidade representou uma ruptura na estrutura sociopolítica da época, que antes via o sexo como uma atribuição, mas passou a tratá-lo como um elemento central na construção da identidade.

O conceito de sexo se transformou para se integrar à identidade com um controle tão profundo que, ao possuir um sexo, o indivíduo acaba por ser possuído por ele, gerando uma distinção entre corpo e sexo que não permite uma descrição objetiva e neutra na construção da materialidade. Butler (2015) afirma que como resultado, os corpos inseridos na matriz heterossexual começam a se destacar.

Os corpos que não se enquadram nessa estrutura são considerados descontínuos e marginalizados, pois ao sustentar e reforçar a estrutura binária heterossexual, estabelece-se uma premissa sobre a produção dos corpos, onde essa binaridade se torna um pré-requisito, promovendo uma norma de delimitação.

Não existe definições pré estabelecidas para esses processos estruturais; ao contrário, tais definições são formadas no momento em que os corpos são inseridos na sociedade por meio das relações de poder. Butler (2015) avança essa reflexão ao afirmar que são as normas reguladoras que são origem à ideia de materialização do sexo, sugerindo que a demarcação binária do conceito de sexo é, na verdade, uma construção que emerge do próprio centro dessas relações de poder.

As normas reguladoras de gênero, que operam invisivelmente, têm o papel de criar e sustentar a ilusão de uma base natural e fixa para a identidade de gênero. No entanto, essa materialização do sexo não é algo inerente aos corpos, mas sim uma imposição social que define e limita as possibilidades de existência dentro de uma matriz binária. Butler sugere que, ao reconhecer que essas definições são produtos de relações de poder, podemos questionar e desafiar as normas que regulam e confinam as identidades de gênero, abrindo espaços para uma maior diversidade de expressões e resistências às estruturas dominantes.

O gênero é construído a partir das relações com o outro; para Butler (2015), a binariedade e uniformidade de gênero resultam de práticas reguladoras que buscam padronizar a identidade de gênero por meio de uma heterossexualidade compulsória. Os gêneros que estabelecem uma relação coerente e contínuas entre sexo, gênero e desejo são considerados inteligíveis, já os demais são classificados como abjetos.

Nossa sociedade opera dentro de um sistema binário em relação ao gênero, tendo a imposição cisgênera como alicerce, Berenice (2006), fundamentados em normas heteronormativas que presumem a heterossexualidade como a única expressão válida de sexualidade significando que os papéis de gênero e sexo são definidos de maneira que não há possibilidade de flexões, associando mulheres com os órgãos femininos e homens com órgãos masculinos e deliberando esta conduta como “natural”. No entanto, essas categorias são apenas uma das muitas formas de expressão de sexualidade e identidade de gênero.

Uma característica evidente da construção social, conforme Segato (1998), é a pré disposição binária de homem-mulher, e esta estrutura tem como induto a determinação biológica que categoriza estes corpos em uma lógica de dimorfismo associando as características fundamentais do binarismo que advém de uma relação histórica de interações sociais e familiar onde papéis e comportamentos são atribuídos de acordo com as genitais do indivíduo.

3 PASSABILIDADE E SOBREVIVÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, PODER E INVISIBILIDADE SOCIAL

As análises críticas do sistema sexo/gênero desempenham um papel importante ao questionar e desafiar a noção naturalizada da categoria “mulher/homem” e das experiências associadas a binaridade heterossexual. Essas reflexões oferecem uma perspectiva que destaca como a identidade “mulher/homem” não é inerente, nem determinada pela biologia, mas sim construída por normas sociais, culturais e estruturas de poder. Na visão de Duque (2017), até mesmo a cisgeneridade é considerada uma ação performática. O ato de se apresentar como homem ou mulher, conhecido por “passar por”, é uma dessas práticas que ocorre em contextos e momentos específicos, nos quais o reconhecimento da suposta normalidade em termos de gênero e sexualidade estabelece um contínuo normativo.

A performatividade de gênero e sexualidade é o conceito êmico de “passar por”, oferece uma abordagem que permite desvincular as implicações causais frequentemente associadas a esses dois domínios. Essa perspectiva proporciona uma maneira de superar o discurso tradicional sobre a diferença sexual, que, por vezes, estabelece premissas equivocadas, naturalizando e essencializando comportamentos considerados femininos e masculinos.

O corpo é profundamente influenciado pelo ambiente social, sendo tanto impactado por ele quanto exercendo impacto sobre o contexto. Conforme Carvalho & Madureira (2008), este contexto constantemente estabelece padrões a serem seguidos, muitas vezes colocando as mulheres em uma posição passiva, como objetos de contemplação.

A passabilidade conforme conceituada por Deleuze (2005), representa um dispositivo composto por um conjunto de forças em ação, definindo como máquinas de fazer ver e fazer falar. Essa ideia pode ser defendida como uma estratégia potencial para salvaguardar mulheres LGBT'S contra diversas formas de violência, incluindo as agressões e LGBTQIFobias dirigidas especificamente às mulheres. Abordar a temática da busca ou alcance da passabilidade pode ser interpretado como um meio de proteger tanto o indivíduo quanto a sua expressão de gênero, implicando uma assunção de responsabilidade. Por outro lado, *passar por* pode indicar no processo, como um de seus possíveis desdobramentos, a necessidade de proteção contra ameaças externas, uma estratégia de sobrevivência para corpos transgênero.

Quando as pessoas são relegadas à invisibilidade social, elas enfrentam uma série de dificuldades, incluindo marginalização social e econômica, tendo o acesso restrito a determinadas posições profissionais; conforme Fraser (2006), uma das restrições é a privação, o que significa a dificuldade em alcançar um padrão de vida material adequado; e desrespeito, caracterizado pela estereotipação cotidiana que as desqualifica, entre outras formas de discriminação não especificadas.

A afirmação que esses espaços são predominantes cis heteronormativo, conforme Silva (2009), sugere que a cis heteronormatividade é uma parte integrante e um produto do discurso hegemônico que simplifica a ordem social em binarismos e marginaliza aqueles que não se conformam com a suposta congruência entre sexo, gênero, orientação sexual e desejo. A subjugação dos corpos pelos mecanismos normativos tem um efeito totalitário e antidemocrático que limita a diversidade das experiências e sua capacidade de inovação crítica.

O pressuposto do corpo sendo um elemento de construção, buscando assim a significação desta construção, ou seja, partindo da materialidade do corpo. Duque (2017), em sua teoria, examina os processos relacionados à construção de um corpo considerado “passável”. Fatores como intervenções médicas, o discurso jurídico, o ambiente em que esses corpos se inserem, e as representações de femilidade e masculinidade presentes na mídia são identificados como elementos cruciais para compreender as diversas formas de passabilidade.

O corpo, imagem e comportamento são componentes de uma mesma realidade. Segundo Duque (2017), sem compreender essa relação intrincada entre os três, torna-se impossível formular uma análise precisa sobre as experiências de passabilidade. A interdependência desses elementos revela como o corpo não é apenas um espaço físico, mas também um campo de significados e representações. Essa compreensão é fundamental para analisar as dinâmicas de inclusão e exclusão que se dão no cotidiano de pessoas em situações de passabilidade.

Nos regimes normativos, a passabilidade se manifesta na medida em que há uma conexão entre estética da existência e o controle dos corpos, chamada por Foucault (2014) de disciplina dos corpos. De acordo com Pontes e Silva (2018), a passabilidade ocasiona a realização da performance do gênero, assegurando uma imagem que se encaixe na matriz heterossexual e cisgênero, ou seja, alinhar à heteronormatividade, emergindo como uma técnica de poder, destacando-se como uma intrusão nas formas de existência, especialmente no que diz respeito ao gênero e à sexualidade. Revela-se crucial nas dinâmicas de mobilidade entre diferentes espaços e nas oportunidades disponíveis para a existência.

4 O PREÇO DA PASSABILIDADE: IDENTIDADE TRANS E APARÊNCIAS EM “MINHA ADOLESCÊNCIA TRANS”

A combinação de imagens e palavras para narrar histórias ou dramatizar ideias designa-se como “arte sequencial”. O termo, engendrado por William Erwin Eisner em seu livro *Comic & Sequential Art* lançado em 1985, refere-se a uma expressão visual que utiliza uma sequência de imagens dispostas de modo ordenado para transmitir um significado. Segundo Eisner (1989), a arte sequencial configura-se como uma forma tanto artística quanto literária, portanto, sob essa perspectiva, a arte sequencial pode-se apresentar em Histórias em Quadrinhos (HQs), *Graphic Novels*, *Comic Trips*, *Storyboards*, entre outras. Dessa forma, pode-se notar que as narrativas sequenciais possuem uma característica preeminente na tessitura dos elementos da página. De acordo com Carneiro (2022), o visual e o textual nas histórias em quadrinhos se interligam de maneira complexa, estabelecendo uma dialética que promove uma leitura por ricochete, na qual o olhar do leitor salta entre as imagens e o texto, construindo significados em constante interação. Essa dinâmica não apenas enriquece a experiência de leitura, mas também cria uma camada adicional de compreensão, já que cada elemento visual e textual complementa e potencializa o outro.

Dessa forma, para compreender os conceitos fundamentais das HQs, é imprescindível observar atentamente os elementos que as compõe, como o layout dos quadros, o uso das cores, as expressões faciais e corporais dos personagens, bem como a disposição dos diálogos e narrações. Esses componentes visuais e textuais, quando analisados em conjunto, revelam a complexidade da narrativa sequencial e sua capacidade única de comunicar ideias, emoções e atmosferas de maneira sintética e simbólica.

As Histórias em Quadrinhos (HQs) fazem uso de uma multiplicidade de elementos visuais e textuais que contribuem diretamente para a construção e compreensão da narrativa, estimulando uma leitura ativa e interpretativa por parte do leitor. Esses elementos, além de fornecerem informações

essenciais para a progressão da história, criam uma experiência imersiva ao permitir que o leitor decodifique significados que vão além do texto.

Os painéis podem ser entendidos como quadros individuais que contêm partes da narrativa visual e textual. Conforme Silva (2001, p. 8), o conceito de painel emerge como “elemento essencial na construção narrativa e na transmissão de ideologia”. Logo, a disposição e a estrutura dos painéis delineiam o fluxo narrativo, além de influenciar na interpretação do leitor. De acordo com Gertler (2002), algumas descrições de painéis fornecem detalhes minuciosos dos elementos visuais, enquanto outras se limitam a breves narrativas das ações em curso. Portanto, a natureza do conteúdo escrito pode variar de forma considerável, especialmente por meio dos balões.

Os balões, além de serem classificados como balões de diálogo, som ou de pensamento, também podem ser considerados como elementos gráficos nas HQs. Segundo Eisner (1989), o uso dos balões se expande além da estruturação das falas, agregando significado e transmitindo a qualidade sonora à narrativa. Além disso, podem representar o espaço em que se inserem as falas dos personagens e as metáforas visuais, como as onomatopeias. De acordo com Silva (2001), os balões caracterizam-se como um elemento distintivo das HQs que influenciam diretamente na interpretação da narrativa.

Adicionalmente, o balão de pensamento revela a emoção interna e não expressa pelos personagens. Em conformidade com Eisner (1989), esses elementos oferecem uma visão direta dos pensamentos dos personagens, viabilizando uma aproximação com eles, especialmente devido ao seu formato de nuvem com círculos apontando para o personagem, contrapondo-se ao argumento visual e expondo as intenções subjetivas ao discurso ou fala do personagem. Essa subjetividade também pode ser percebida nas emanatas.

As emanatas são representações gráficas que também expressam emoções, estados mentais ou ações dos personagens, como gotas de suor, indagações, dor ou linhas de movimento. Eco (s/d) citado por Lucas (2017), sintetiza o termo pontuando que a emanata pode expressar a subjetividade e, também amplificar a compreensão emocional dos leitores, no qual se adiciona profundidade psicológica ao enredo, como lágrimas, fumacinhas de raiva, e sinais de pontuação como a interrogação ou exclamação.

Ademais, a splash page é uma composição gráfica imponente nas Histórias em Quadrinhos. Em consonância com Eisner (1989), sua característica é a ocupação completa de uma ou até mesmo duas páginas, desprovida de painéis de quadros delimitantes devido sua monumentalidade. A splash page é usada para destacar uma cena de grande impacto emocional ou evento épico. Dessa forma,

pode-se inferir que essa composição estimula a imersão do leitor e, até mesmo enfatiza a importância do momento retratado. Contudo, vale considerar como o letreiramento complementa essa imersão.

As linhas cinéticas podem indicar movimento ou, até mesmo, velocidade nas HQs, delimitando espaços e transmitindo ações. Em conformidade com Eisner (1989) e Forceville (2011), essas linhas, desenhadas paralelamente ou posteriormente a objetos e personagens, indicam direção, movimento e velocidade. Portanto, as linhas cinéticas sugerem movimento contínuo, emanando dos personagens ou de objetos, conferindo fluidez e urgência à narrativa e amplificando a tensão, ação e ritmo das histórias.

Por outro lado, o letreiramento representa um elemento fundamental na composição narrativa, pois transcende a simples disposição de palavras, sendo essencial para a transmissão eficaz de significados e emoções (Eisner, 1989; Meireles, 2007). O letreiramento é um artefato gráfico que abrange a concepção e a disposição de textos e tipografias dentro do contexto narrativo visual.

O letreiramento direciona as perspectivas narrativas e contextualiza as ações (Eisner, 1989). Dessa maneira, o letreiramento transcende a transcrição de diálogos, pois envolve estilização, posicionamento, tamanho das letras, e o uso criativo de balões e onomatopeias, facilitando a compreensão e adicionando nuances emocionais, o que enriquece a experiência do leitor. Contudo, a dinâmica visual também é aprimorada com o uso das linhas cinéticas. A compreensão da narrativa sequencial emerge das interações entre os elementos visuais e linguísticos. Segundo Assis (2015), o letreiramento inclui o uso de tipografias específicas. Dessa forma, quando as palavras e as imagens se entrelaçam, instaura-se uma fusão em que a imagem ilustra e emite sons, diálogos e conexões textuais, configurando uma fusão com a própria imagem. Conforme Eisner (1989, p. 10), a legenda encontrada nas Histórias em Quadrinhos representa a voz onisciente que narra a trama, uma verdadeira extensão da história.

5 CONSTRUINDO IDENTIDADE: ANÁLISE DA PASSABILIDADE NA NARRATIVA SEQUENCIAL DE “MINHA ADOLESCÊNCIA TRANS”

A história em quadrinhos “Minha Adolescência Trans” (2022) de Fumettibrutti é autobiográfica e narra a jornada de P., uma jovem transgênero, enquanto ela enfrenta a disforia de gênero, preconceitos sociais e a busca pela aceitação de sua verdadeira identidade. A obra explora os desafios emocionais, o processo de transição e os relacionamentos em uma sociedade que impõe normas rígidas de gênero. Fumettibrutti revela as complexidades e as dificuldades de crescer trans, oferecendo uma reflexão profunda sobre identidade e resistência.

Ao longo da narrativa sequencial, a personagem P. enfrenta complexas questões ligadas à transgeneridade. Sua principal dificuldade reside no processo contínuo de afirmação de sua verdadeira identidade como mulher, uma luta interna e externa marcada por desafios pessoais, preconceitos sociais e a constante necessidade de validação em um mundo que tenta impor-lhe uma realidade distinta. A jornada de P. revela o impacto profundo das pressões normativas e da transfobia, enquanto ela busca, com coragem, ser quem realmente é.

A História em quadrinhos utiliza a narrativa sequencial para explorar e dar vida à personagem, combinando imagens e palavras de forma única para dramatizar momentos cruciais da vida de P, que posteriormente torna-se Yole. De acordo com Eisner (1989), essa fusão permite que a história se desenrole por meio do texto, das expressões, cenários e símbolos visuais, criando uma experiência imersiva que revela as emoções e conflitos internos da personagem ao longo da trama.

Neste momento da narrativa, o enfrenta uma batalha interna e externa em relação ao corpo, que é percebido como descontínuo diante da matriz de inteligibilidade social. Além das tensões pessoais, ela lida constantemente com a transfobia, tanto nas ruas quanto dentro de sua própria casa.

Esta transfobia sofrida dentro de casa vem de sua mãe, uma mulher cristã, que insiste em acreditar que sua filha é e sempre será um homem, independente de como ela se sinta ou se apresente ao mundo. O diálogo, que antecede a splash page da figura 1, expressa a convicção da mãe em acreditar nisso.

A personagem principal, estava passando pela cozinha de sua casa usando um vestido, com cabelos soltos e uma gargantilha, no entanto, ao ver sua filha vestida dessa maneira, a mãe não hesita em verbalizar seu julgamento. Dizendo: Não importa e, além disso, você sempre será um homem”. Esta afirmação teve um impacto mental tão grande para a P. que a página seguinte (figura 1), a splash page, é caracterizada com a personagem sentada com as mãos na cabeça e a escrita da frase “sempre um homem” ecoando por toda parte.

Figura 1. Corpo descontínuo



Fonte: FUMETTIBRUTTI (2023, p. s/n)

A figura representada é uma metáfora visual da opressão simbólica vivida pela personagem principal, que se vê atravessada por uma fala materna que ecoa, “sempre será um homem”. Essa repetição incessante dessa expressão forma o pano de fundo sufocante da cena da P. encolhida sentada no chão com seu rosto escondido. Na perspectiva de Butler (2015) funciona como um ato performativo reiterativo, que regula os corpos e suas possibilidades de existências.

A fala da mãe internaliza e reproduz essa matriz de inteligibilidade de gênero que impõe normas de reconhecimento social. P., enquanto identidade dissidente, escapa às categorias fixas e, por isso, se vê lançada à abjeção, uma vida cuja legitimidade é negada e reiteradamente pelo discurso materno, institucional e social. A imagem também revela uma violência simbólica, de acordo com Segato (1998), o gênero é uma tecnologia de poder que organiza a vida em torno do masculino como universal. A hegemonia do “homem” não é só um fato social, mas uma estrutura que se inscreve nas subjetividades. A figura 1 da personagem P., esmagada pela palavra que se repete na splash page, representa um corpo marcado por essa dominação, onde a linguagem é também uma forma de exclusão e dor.

A tensão da personagem principal está presente, mas reduzida, sombreada, num espaço dominado por uma linguagem que a apaga. O corpo transgênero dentro da narrativa torna-se campo de disputa entre o desejo de existir plenamente e a pressão por conformidade. Duque (2022), discorre que a sobrevivência exige, muitas vezes, apagar-se, ajustar-se a normas cisgênero para garantir o mínimo de aceitação.

Na figura seguinte, a personagem P. vai até a casa de sua amiga com a intenção de saber como ela está, preocupada com seu estado emocional, já que anteriormente a amiga demonstrava sinais de estar deprimida. No entanto, o encontro toma um rumo inesperado quando, durante a conversa, a amiga propõe que elas tenham uma relação sexual, alegando que isso a faria se sentir melhor consigo mesma. Apesar de inicialmente resistir à proposta, P. acaba cedendo após certa insistência da amiga, não por desejo ou vontade própria, mas por um sentimento de obrigação. Esse momento revela uma complexa camada de tensão emocional e relacional, na qual o consentimento de P. não é pleno, mas condicionado por uma dinâmica desigual de afeto e pressão.

Figura 2. Validações



Fonte: FUMETTIBRUTTI (2023, p. s/n)

A personagem P. está vivenciando uma cena profunda de vulnerabilidade emocional e física, pois vai até a casa de sua amiga preocupada com seu estado emocional, mas durante a conversa, é pressionada a ceder a uma relação sexual, mesmo sem desejo. A situação escancara uma dinâmica em que o consentimento é atravessado por culpa, desejo de aceitação e silenciamento de si, e acaba se tornando uma violência simbólica que nega o direito de negação e de existir sem atender às expectativas alheias. Segundo Butler (2015), o gênero é construído por atos performativos, a personagem acredita que sua presença só é legitimada quando se submete, revelando a performatividade como algo exaustivo e opressivo quando vivido fora da norma.

A necessidade de validação externa se torna uma problemática central da narrativa de P., onde submete seu corpo a dinâmicas em que é julgado, objetificado e descartado, na esperança de se sentir amada ou útil. Essa lógica internalizada é aprofundada por Duque (2022), que afirma que a sobrevivência de pessoas transgênero exige frequentemente o apagamento de si, a adaptação forçada às expectativas cisgênero, mesmo que isso as conduza à dor e à fragmentação de sua própria identidade.

A fala de P. "Sou só isso, um brinquedo" escancara a assimetria de que a feminilidade, sobretudo da mulher transgênero, é reduzida à função de servir, de cuidar, de agradar. A partir de Segado (1998), não ocorro de forma pontual, mas é sistematicamente estruturado por um modelo de

dominação que inscreve nas subjetividades a lógica de que o corpo deve estar à disposição do outro, ainda que isso represente a negação do próprio desejo.

A personagem principal conversa com seu amigo, Vale, com quem mantém uma relação secreta, escondida de todos ao seu redor. A dinâmica entre os dois é marcada pela tensão emocional e pela complexidade da situação em que se encontram, já que ambos compartilham preocupações comuns sobre suas vidas acadêmicas, principalmente com relação às notas das provas. Apesar do contexto aparentemente simples, a conversa entre eles se carrega de subtextos emocionais e de desafios pessoais. A relação deles, que é marcada por um certo distanciamento do que é socialmente aceito, vai além da amizade, envolvendo um vínculo íntimo, mas que precisa ser mantido em segredo devido às inseguranças de Vale.

A pergunta sobre a medicação hormonal surge como um momento de vulnerabilidade para ambos. Pois, para Vale, porque expõe sua incerteza e falta de compreensão sobre o processo de transição, e para P., porque toca em um aspecto íntimo e profundamente pessoal de sua identidade.

Figura 3. Etapas



Fonte: FUMETTIBRUTTI (2023, p. s/n)

Neste diálogo percebe-se outro aspecto da passabilidade, trazido por Duque (2017) é a noção do corpo como um elemento fundamental na construção de identidade e significados envolve uma análise profunda da materialidade corporal e dos outros processos que moldam sua percepção e aceitação social. Nesse contexto, a construção de um corpo “passável” – ou seja, aquele que se conforma aos padrões sociais de gêneros e é reconhecido como tal – é resultado de uma série de fatores

interligados. Entre esses fatores, destacam-se as intervenções médicas, como cirurgias e tratamentos hormonais, que buscam alinhar o corpo a uma aparência mais próxima das normas estabelecidas para a feminilidade.

Por fim, ao final da trajetória da personagem principal, torna-se evidente que o processo de alcançar a passabilidade, ou seja, a conformidade de sua aparência com as normas sociais de gênero, através da busca de procedimentos farmacêuticos e estéticos, é árdua e complexa. No entanto, esse processo, por mais desafiador que seja, se concretiza ao longo de sua jornada, refletindo uma profunda transformação em sua vida. A personagem, através de inúmeros esforços estéticos e enfrentamentos, atinge uma satisfação significativa em relação ao próprio corpo, que agora se alinha visivelmente e em termos de características ao gênero feminino.

Na figura seguinte, P. está em seu banheiro, observando seu reflexo no espelho. O quadrinho em destaque foca especificamente em seu tronco, evidenciando a mudança corporal que até então não era visível, seus seios agora aparentes. A cena é construída com um enquadramento detalhado, ressaltando a expressão da personagem e a forma como ela percebe essa transformação.

Figura 4. O processo da passabilidade



Fonte: FUMETTIBRUTTI (2023, p. s/n)

Os seios até então não eram aparentes e a personagem verbaliza “Caralho, tenho seios”, e é neste momento que P. reconhece, de maneira mais intensa e concreta, a materialização de sua identidade de gênero no próprio corpo. Esse instante simboliza um marco emocional e psicológico em sua jornada de afirmação. Segundo Eisner (1989), é a partir da linguagem corporal da personagem, em conjunto com a escolha da tipografia e o espaçamento do balão de fala, pode-se traduzir os

sentimentos da personagem, que evidencia um misto de surpresa, alegria e validação, refletindo o impacto psicológico e emocional da transição.

Este momento na narrativa ilustra a importância da corporalidade na construção da identidade transgênero, evidenciando como pequenas mudanças podem ter um efeito profundo na autopercepção e na relação com o próprio corpo. O impacto da cena reforça o tema central da narrativa, que é a busca pelo reconhecimento e pela legitimação da identidade, tanto no âmbito individual quanto no social.

O corpo, que para a personagem é um símbolo de passabilidade, consegue, por meio de procedimentos estéticos, performativos ou sociais, transitar entre identidades e expectativas impostas por normas culturais, afirmando-se como um espaço de resistência e adaptação às demandas externas. A partir de Butler (1990), pode-se afirmar que é visto não apenas como uma vitória sobre os padrões sociais, mas também como a expressão de um esforço consciente para reconfigurar sua própria identidade. Esse processo de transformação envolve não só a exterioridade visível do corpo, mas também a maneira como a personagem se relaciona consigo mesma e com o mundo, reforçando a importância de fatores internos e externos na construção de um corpo que é finalmente aceito tanto por si quanto pelos outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução do binarismo de gênero e das normas cisnormativas é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade. Obras como *Minha adolescência trans*, de Fumettibrutti, desafiam as estruturas de poder que normatizam identidades e corpos, oferecendo uma reflexão potente sobre a resistência e a luta por legitimidade. Com base em Foucault e Butler, conclui-se que reconhecer e valorizar a pluralidade é um passo ético e necessário para transformar relações sociais e culturais.

Este trabalho teve como objetivo analisar a representação das vivências trans na história em quadrinhos “Minha adolescência trans” (2023), de Fumettibrutti, com ênfase na temática da passabilidade e suas implicações subjetivas e sociais. A partir da análise das cenas, recursos gráficos e discursos presentes na narrativa sequencial, identificamos que a obra articula os dilemas de uma protagonista transgênero diante de um contexto social normativo, cisheteronormativo e frequentemente violento.

Ao interpretar os resultados, observa-se que a história em quadrinhos reflete tensões recorrentes na vida de pessoas transgênero, como busca por validação, a performatividade compulsória e a invisibilidade social. Essas vivências dialogam diretamente com as contribuições teóricas de Foucault, Butler, Duque e outros autores que desconstróem os discursos binários e

evidenciam a normatização dos corpos. A obra, portanto, funciona como instrumento de resistência e denuncia de um sistema de gênero opressor.

Entre as limitações desta pesquisa, destacamos a abordagem centrada em uma única obra e experiência autobiográfica, o que não permite generalizações sobre todas as vivências transgênero. Além disso, o foco predominante na análise da passabilidade deixa outras dimensões da história em quadrinhos menos exploradas. Por fim, pode-se refletir que “Minha adolescência trans” (2023), oferece ao leitor uma chave de leitura para entender os mecanismos de exclusão e resistência que moldam os corpos transgênero na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Érico G. de. The letterer as a translator in comics translation . In: MÄLZER, N. Comics - Übersetzungen und Adaptionen. Berlin: Frank & Timme, 2015, p. 251-267.
- BENTO, Berenice. "A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual." Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, Judith. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. Trabalho original publicado em 1990.
- CARNEIRO, M. C. da S. R. (2022). *Quadrinhos em tradução: pensando a escrita como imagem*. Cadernos De Tradução, 42(1), 1–24. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e87450>
- DUQUE, Tiago. *Gêneros Incríveis: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher* Campo Grande: EDUFMS, 2017.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FUMETTIBRUTTI. *Minha adolescência trans*. Tradução de Daniel Lühmann. São Paulo: Todavia, 2023.
- GERTLER, Nat. *Panel One: Comic Book Scripts by Top Writers*. Califórnia: About Comics, 2002.
- SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. Campo Grande: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001. Disponível em:
<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1456791905924385385988660436704384_55063.pdf>
Acesso em: 28 mar. 2024.